

RELAÇÕES ENTRE DESENVOLVIMENTO MORAL, AGRESSIVIDADE E ESTILOS DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS INTERPESSOAIS

Fabricio Costa de Oliveira (UNESP)
professor_fabricioco@yahoo.com.br
Alessandra de Morais-Shimizu

Conflitos interpessoais na instituição educativa: ética e moralidade na sociedade pós-moderna

O referencial teórico utilizado nesta pesquisa foi a teoria piagetiana a respeito do juízo moral, que em uma perspectiva construtivista, aborda a evolução do desenvolvimento moral de acordo com as relações sociais e as interações com o meio. As diferentes formas de resolução de conflitos - agressiva, submissa e assertiva - também foram enfocadas à luz desse referencial, uma vez que estão ligadas às situações de interação; assunto esse em evidência, principalmente, no ambiente educacional, assim como a agressividade, que por suas conseqüências tem sido alvo de reclamações de pais, professores, escolas e de outras instituições. Considerando a importância desses fenômenos, buscou-se compreender as possíveis relações entre o desenvolvimento moral, a manifestação de condutas agressivas e os estilos de resolução de conflitos interpessoais. Participaram da investigação quatro crianças e adolescentes, de uma instituição socioeducativa do interior do Estado de São Paulo. Os instrumentos de coleta de dados foram: a Escala de Percepção de Professores dos Comportamentos Agressivos de Crianças na Escola, a Entrevista Clínica Piagetiana, e a adaptação da *Children's Action Tendency Scale-Cats*. Os resultados não confirmaram a hipótese inicial de que a tendência moral da heteronomia teria implicações sobre a forma submissa e agressiva de resolução de conflitos, e no que tange à manifestação de comportamentos agressivos em ambientes socioeducativos. No entanto, permitiram levantar aspectos importantes sobre as relações entre a autonomia, o ambiente coercitivo e a agressividade. Com base nesses dados, foram tecidas considerações a respeito do ambiente educativo e suas implicações ao desenvolvimento humano.

Palavras-chave: desenvolvimento moral; agressividade; conflitos interpessoais; ambiente educativo.

INTRODUÇÃO

Inúmeras pesquisas têm comprovado as conclusões de Jean Piaget a respeito do desenvolvimento moral (VINHA, 2000), sobretudo as relacionadas à obra “O juízo moral na criança” onde conclui que: assim como a inteligência, o juízo moral infantil também evolui (PEDRO-SILVA, 2006). Nessa obra, Piaget (1932/1977) estuda a moralidade humana levando em consideração o julgamento moral da criança, e não o sentimento e comportamento – com exceção ao que diz respeito às práticas dos jogos –, a partir do ponto de vista da própria criança, observando na situação de jogo e por meio de entrevistas, o julgamento dos atos com determinados valores morais (MENIN, 2007).

Em seus estudos da moralidade, Piaget (1932/1977) abordou além da prática das regras - motor individual (0-2 anos), egocentrismo (2-5 anos), cooperação nascente (7-8 anos) e codificação das regras (11-12 anos) - e da consciência das regras - anomia (0-2 anos), heteronomia (2-9 anos) e autonomia (após 9 anos) - outros fenômenos como: a mentira; o tipo de responsabilidade apresentado pela criança na mentira, roubos e desajeitamentos; a noção de justiça e os dois respeitos – mútuo e unilateral –, buscando compreender o papel deles no desenvolvimento moral do indivíduo e suas influências nas relações sociais.

Conforme Piaget (1932/1977) é nas relações interpessoais que a realidade normativa, que consiste a moral, desenvolve-se, uma vez que é por meio das relações – seja entre os adultos e as crianças ou entre as próprias crianças – que a consciência do dever se constitui. Dessa forma, haverá tantos tipos de reações morais quantas forem as formas de relações. Para o autor existem, essencialmente, duas morais: a da heteronomia e a da autonomia, as quais podem ser explicadas pelos dois tipos de respeito presentes nas relações entre a criança e o seu meio: o respeito unilateral e o respeito mútuo. A moral da heteronomia corresponde à moral da obediência, da obrigação, em que as re-

gras são impostas por relações de coação, permanecendo exteriores aos indivíduos. É oriunda dos elos de autoridade e de respeito unilateral. Na moral da autonomia, mediante as relações de cooperação e o respeito mútuo, as regras passam a ser consideradas como necessárias e livres escolhas da própria consciência, tornando-se uma lei moral efetiva.

Para Menin (2007), quando a criança inicia o Ensino Fundamental, por volta dos seis e sete anos, no convívio social com crianças mais velhas, de nove e dez anos, que já apresentam tendências de autonomia, reciprocidade e cooperação, a criança menor, então, começa a perceber e refletir que nem sempre os indivíduos mais velhos, em suas ações, aceitam ou respeitam as regras que são impostas, surgindo, assim, um conflito interno, cujo sentimento de justiça parte para o sentido da recomposição da ordem.

Quando o indivíduo quebra uma regra, como a de não mentir, por exemplo, proporciona uma situação conflituosa nas relações sociais, quer com a autoridade/adulto, quer com seus pares. Assim, La Taille (2006) salienta que, ao deparar-se com essas situações o indivíduo deve decidir como fazer justiça, ou seja, como recompor a ordem das coisas, não havendo um manual de instruções a ser seguido, ou seja, nas tomadas de decisão, não existem procedimentos corretos ou incorretos com relação à justiça, e sim, uma visão da realidade que é influenciada por alguns aspectos, como por exemplo, pela heteronomia ou a autonomia.

A moralidade, de acordo com Menin (1996), é algo bem mais amplo do que saber quais são as boas leis, as normas justas ou como se deve agir numa determinada situação; a moralidade implica em refletir no porquê seguir certas regras ou leis e não outras, muito mais do que simplesmente obedecê-las. Assim não basta somente que a criança relacione-se bem, siga alguns valores, cumpra as regras, o principal está em razão de que ela o faz (VINHA, 2003).

É importante salientar que, dentro da perspectiva construtivista, no ser humano coabitam as duas morais, a da autonomia e a da heteronomia, sendo

que pode haver a predominância de uma sobre a outra, e que tal fato tem a possibilidade de determinar a forma como os conflitos interindividuais são resolvidos (VINHA, 2003).

Nas situações de conflito o adulto, muitas vezes, acredita que a criança vai deixar de bater nos colegas e de fazer bagunça na sala de aula, simplesmente, porque o professor determinou ou porque ameaçou mandá-los para a diretoria. Na realidade, Araújo (1996) salienta que isso só funciona com a criança que tem medo do adulto, e que este tipo de postura por parte do professor em nada auxilia o aluno; ao contrário, ajuda a resolver o problema dele, professor, mas somente naquele momento.

A concepção de Vinha (2003) quanto à ideia de que os conflitos são vistos predominantemente como prejudiciais ao desenvolvimento da criança, devendo ser eliminados das relações interindividuais, parece, à primeira vista, relacionar-se às consequências ou resultados desses conflitos. Para a autora é preciso deixar de acreditar que paz signifique ausência de conflitos.

Em estudos recentes baseados nos trabalhos de Deluty (1979) e Leme (2004), Vicentin (2009) faz uma abordagem construtivista dos conflitos interpessoais salientando que a resolução de tais conflitos depende dos aspectos cognitivos, visto que é preciso que o indivíduo seja capaz de se colocar no lugar do outro e de coordenar suas próprias perspectivas. Para a autora os estilos de resolução de conflitos são: o **agressivo**, que se caracteriza pelo enfrentamento da situação de conflito interpessoal, apelando para formas de coerção, como violência ou desrespeito ao direito e à opinião alheia; o **assertivo**, que envolve o enfrentamento de situação de conflito, porém sem qualquer tipo de coerção, defendendo os próprios direitos, mas levando em conta os sentimentos e os direitos dos outros; e o **submisso**, que se caracteriza pelo não enfrentamento de uma situação conflituosa, com fuga ou esquiva, e considera os direitos e sentimentos dos outros em detrimento dos próprios. A autora destaca, ainda, a existência de outros estilos de resolução de conflitos interindividuais,

que são os combinados assertivo-submisso, submisso-agressivo e assertivo-agressivo.

Ao assinalar os constantes conflitos que a criança se depara ao longo de toda sua vida, Menin (1996) indica que nem sempre as ações da autoridade para lidar com eles partem na direção da construção da autonomia e, contrariamente, fortalecem situações de heteronomia, intensificando eventos de agressividade na criança e entre as crianças, causando danos a ela e ao grupo a qual pertence. A agressividade, para a autora, é a tendência de resolução de conflitos interpessoais mais estudada na literatura, provavelmente por envolver maior risco para os envolvidos nos possíveis confrontos. É, ainda, a que mais apresenta dificuldades como objeto de investigação porque, como será analisado a seguir, o comportamento dela resultante, a agressão, é uma conduta que, além de episódica, não é facilmente definível, assumindo diferentes formas de manifestação, cuja evolução é diversificada e, também, porque está sujeita à influência de variáveis, tanto biológicas, psicológicas como sociais.

A agressividade humana, por estar em evidência, passa a ser bastante discutida nas diversas áreas do conhecimento humano, cuja definição do termo varia de acordo com a corrente teórica do pesquisador, o que torna difícil uma unanimidade em seus conceitos (VINHA, 2000). Não estamos negando a existência de uma definição precisa e fidedigna desse fenômeno, contudo, é preciso levar em consideração as diversas teorias que abordam o assunto. De acordo com Delval (2006, p.52) “a agressão é uma forma de relação frequente entre os seres humanos e se manifesta desde muito cedo.” Sendo assim, mostra-se relacionada intimamente com a condição humana em todos os momentos da vida (infância, juventude, adulto e velhice), na forma de emoções, e tendências instintivas ligadas à vingança (VINHA, 2000), bem como uma força inata, como enfatizado por Passos (2000).

Segundo Lisboa e Koller (2001) algumas pesquisas indicam que os comportamentos agressivos, observados na infância, estão vinculados às ca-

racterísticas de personalidade e ao estabelecimento de padrões de qualidade de adaptação social e psicológica, manifestados ao longo do ciclo vital do indivíduo. Podemos considerar, de acordo Passos (2000), que o comportamento agressivo é multideterminado. É evidente que não ha um fator apenas que leve ao comportamento agressivo, e que esses fatores não se encontram isolados, conforme Maldonado e Williams (2005), eles estão inseridos em um contexto com diversas variáveis

Lisboa e Koller (2001) descrevem o comportamento agressivo como sendo uma ação que causa e/ou implica em danos ou prejuízos a outrem, podendo surgir de duas formas: a confrontativa e a não-confrontativa. Nas formas confrontativas ocorrem ações diretas físicas, como chutar, bater, morder, destruir objetos pessoais e de outros, machucar outrem ou a si mesmo, ou verbais, como iniciar discussões, falar palavrões e xingamentos, fazer deboches, ameaças, ridicularizações e/ou provocações. Já as formas não-confrontativas, estão relacionadas a atos hostis indiretos, como atacar a reputação, prejudicar o andamento das atividades, perturbar ambientes e provocar intrigas. A agressividade, também, pode se modificar quanto à direção e os objetivos para os quais se destina, diversificando-se conforme os tipos de relações estabelecidos entre o agressor e o alvo da agressão, o que ocorre, segundo as autoras, devido à percepção da autoridade e da posição de hierarquia que o outro ocupa. No caso da agressividade infantil, quando é voltada aos pares – colegas e grupos de iguais – é geralmente expressa em sua forma confrontativa. Quando direcionada aos adultos – pais, familiares e professores – aparece como não-confrontativa.

Ainda em relação ao comportamento agressivo, Lisboa (2005), apoiada na abordagem Ecológica de Bronfenbrenner (1979/1996 apud LISBOA, 2005), concebe-o como um processo proveniente da interação entre a pessoa e seu ambiente físico, social, cultural e histórico. Segundo a Teoria Ecológica, o desenvolvimento humano se apoia em quatro níveis dinâmicos e inter-relacio-

nados: a Pessoa, com suas características pessoais e sócio-históricas; o Processo, concernente às experiências diárias, interações e significados decorrentes; o Contexto, ambientes físicos, sociais, culturais e ideológicos, e o Tempo, referente ao momento individual do ciclo vital e sócio-histórico. Dessa forma, é importante entender a agressividade de acordo com os diferentes contextos, nos quais os indivíduos se encontram inseridos, o que indica que dentro dessa perspectiva “faz sentido afirmar que uma criança *está* agressiva e não que *é* agressiva” (LISBOA, 2005, p. 13).

Outro aspecto destacado por Lisboa (2005) é o de que a perspectiva Ecológica considera o desenvolvimento humano como um processo contínuo de adaptação entre o indivíduo e o contexto, e a dependendo da forma ou função do comportamento agressivo e o contexto no qual se manifesta, ele pode ser considerado como adaptativo, que não tem como intuito causar danos, mas sim propiciar a acomodação a um novo meio ou papel social. Esse aspecto tem causado polêmicas e dificuldades entre os estudiosos, o evidencia, segundo a autora, a necessidade de serem desenvolvidas técnicas precisas para a identificação dos comportamentos agressivos e reconhecimento de suas matizes e funções, para se ter uma melhor compreensão desse fenômeno com um processo.

Nesse sentido, buscamos, com este estudo, entender as possíveis relações entre a manifestação de condutas agressivas, o desenvolvimento moral e os estilos de resolução de conflitos. Nossa hipótese é a de que a tendência moral da heteronomia, proposta na teoria piagetiana, tem implicações sobre a forma como os conflitos interpessoais são resolvidos, levando a estilos mais submissos e agressivos, e à manifestação de comportamentos agressivos em ambientes socioeducativos. Assim como a tendência da autonomia propiciaria formas de resolução mais assertivas.

OBJETIVOS

Compreender se há uma relação entre o desenvolvimento moral, conforme a teoria piagetiana, a manifestação de condutas agressivas e o estilo de resolução de conflitos interpessoais, em crianças e adolescentes.

Objetivos específicos:

- identificar, no grupo investigado, os indivíduos com maior e menor pontuação em relação aos comportamentos agressivos;
- identificar as tendências de desenvolvimento do julgamento moral;
- identificar os estilos de resolução de conflitos predominantes;
- e verificar se há relação entre os estilos de resolução de conflitos dos indivíduos pesquisados, suas tendências morais e as manifestações de condutas agressivas.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada em uma instituição, de uma cidade do interior do estado de São Paulo, que desenvolve um programa municipal socioeducativo destinado ao atendimento de crianças e adolescentes em situação de risco. Atualmente a instituição tem cem crianças inscritas no programa, sendo 56 no período da manhã e 44 no da tarde. Cada período (manhã ou tarde) tem três turmas de acordo com a idade: a turma das crianças menores com 7, 8, 9 e 10 anos; a turma das crianças maiores e/ou pré-adolescentes (nomenclatura da própria instituição) com idade entre 11 e 12 anos; e a turma dos adolescentes com idade entre 13 a 17 anos.

Investigamos a percepção de diferentes profissionais (coordenador, educador social e educador físico) sobre a manifestação de comportamentos agressivos das cem crianças e adolescentes da instituição, solicitando desses profissionais, que trabalhavam diretamente com o público estudado, que pre-

enchessem, individualmente, a Escala de Professores dos Comportamentos Agressivos de Crianças na Escola (LISBOA; KOLLER, 2001). .

Com base nos resultados colhidos por meio dessa Escala, foram selecionados para participar da amostra quatro indivíduos, sendo três da turma das crianças menores (com idades de 7 a 10 anos), um indivíduo indicado pela maior pontuação nos comportamentos agressivos, e os outros dois pela menor pontuação. E da turma dos adolescentes (de 13 a 17 anos), um indivíduo indicado pela maior pontuação nos comportamentos agressivos. Em seguida, realizamos a Entrevista Clínica Piagetina e aplicamos, também na forma de entrevista, o questionário da *Children's Action Tendency Scale-Cats* (VICENTIN, 2009). Salientamos que as entrevistas foram filmadas e, posteriormente, transcritas para categorização das respostas.

Antes de sua realização, esta pesquisa recebeu parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição à qual se vincula (protocolo nº 0555/2010).

Instrumentos

Para a coleta de dados foram utilizados os seguintes instrumentos e recursos:

- a Escala de Percepção de Professores dos Comportamentos Agressivos de Crianças na Escola (LISBOA; KOLLER, 2001), que foi elaborada de forma a permitir aos professores informarem, em cada uma de suas 41 afirmações, a percepção que têm de seus alunos, no ambiente escolar, em relação aos seus comportamentos agressivos;
- a Entrevista Clínica Piagetiana, com a apresentação de historietas e questões, elaboradas com base em Piaget (1932/1977), que visavam investigar o julgamento, das crianças e adolescentes, sobre as regras dos jogos e morais, a mentira e a justiça;
- e a adaptação da *Children's Action Tendency Scale-Cats* (VICENTIN, 2009), que é um instrumento que, por meio de situações e perguntas relaciona-

das, avalia simultânea e comparativamente três tipos de tendências ou estilos de resolução de conflitos interpessoais: agressivo, submisso e assertivo, além da combinação de estilos denominados de enfrentamento misto.

Forma de análise dos resultados

A análise dos dados coletados na presente pesquisa foi de natureza qualiquantitativa.

No que diz respeito aos resultados da Escala de Koller e Lisboa (2001), uma vez que as afirmativas descrevem comportamentos agressivos e que o contínuo de respostas vai de um (Discordo Totalmente) a cinco (Concordo totalmente), quanto mais elevados os escores indicados ao indivíduo, maiores evidências de que este seja percebido como agressivo pelo avaliador. Neste estudo, os escores obtidos por cada sujeito foram determinados pela média das indicações dos três profissionais respondentes (coordenador, educador físico e educador social).

Com relação à análise das transcrições relativas à entrevista clínica, categorizamos as respostas de acordo com as seguintes tendências morais descritas por Piaget (1932/1977): heteronomia, semiautonomia e autonomia, atribuindo pontuações a cada tendência conforme sua presença nas respostas dos participantes. Na análise das respostas relativas à *Children's Action Tendency Scale-Cats*, levamos em consideração as categorias e/ou estilos de resolução de conflitos utilizados por Vicentin (2009): Agressivo (AG), Submisso (SU), Assertivo (AS), Agressivo/Submisso (AG/SU), Agressivo/Assertivo (AG/AS) Submisso/Assertivo (SU/AS). Neste caso, também foram atribuídas pontuações, em cada estilo, de acordo com as respostas dos indivíduos. A categorização dessas respostas foi realizada mediante a análise de juízes com conhecimento na área (três juízes, no que tange à entrevista clínica piagetiana e quatro, no que concerne à Escala de Resolução de Conflitos). O Índice de Concordância considerado foi de 75%, valor esse utilizado como critério para determinar a

significância da análise, bem como a coerência nas indicações dos juízes (FAGUNDES, 1999). O cálculo das pontuações finais obtidas pelas crianças e adolescentes foi referente à média das pontuações indicadas pelos juízes. Subsequentemente, as pontuações concernentes à cada categoria foram transformadas em porcentagens.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Podemos visualizar, na Tabela 1, os resultados relativos à caracterização da amostra, à média dos pontos obtidos na Escala de Percepção de Professores dos Comportamentos Agressivos de Crianças na Escola (LISBOA; KOLLER, 2001), e às porcentagens das tendências morais e dos estilos de resolução de conflitos interpessoais apresentadas pelas respostas das crianças e adolescentes investigados.

Tabela 1 – Caracterização da amostra, pontuação média referente à Escala de Percepção e porcentagens das tendências morais e estilos de resolução de conflitos obtidas pelas crianças e adolescentes.

Participante	Idade	Sexo	Média de Pontos Comportamento Agressivo	Porcentagem das Tendências Morais			Porcentagem dos Estilos de Resolução de Conflitos					
				Heteronomia	Semi-Autonomia	Autonomia	AG	SU	AS	AG/SU	AG/AS	SU/AS
P01	09 anos	F	54,33	66,67	20,51	12,82	25,0	27,5	0,0	35,0	7,5	5,0
P02	08 anos	F	28,33	69,23	7,69	23,08	10,0	30,0	12,5	17,5	2,5	27,5
P03	09 anos	M	27,66	74,36	10,26	15,38	0,0	50,0	25,0	15,0	2,5	7,5
P04	13 anos	M	74,66	24,24	18,18	57,58	37,5	22,5	27,5	2,5	7,5	2,5

Conforme apresentado na a Tabela 1, as crianças e o adolescente da amostra foram identificados como P01, P02, P03 e P04, sendo que a P01 é do sexo feminino e tem nove anos de idade, e a P02, também do sexo feminino, tem oito anos. O indivíduo P03 é do sexo masculino e tem nove anos idade e, por último, o P04, que também é do sexo masculino, tem treze anos. Assim, compuseram a amostra da pesquisa duas participantes do sexo feminino (P01 e P02) e dois do sexo masculino (P03 e P04). Os indivíduos P01, P02 e P03 estavam na turma/idade das crianças menores (7, 8, 9 e 10 anos), já o indivíduo P04 estava na turma dos adolescentes (13, 14, 15, 16 e 17 anos).

Em relação aos comportamentos agressivos, mensurados pela Escala de Percepção de Professores dos Comportamentos Agressivos de Crianças na Escola (LISBOA; KOLLER, 2001), respondida por três profissionais (coordenador, educador físico e educador social) que conviviam com os participantes pesquisados em uma instituição socioeducativa, salientamos que os indivíduos P01 e P04 foram indicados pela maior pontuação média de comportamentos agressivos (P01, com 54,33; P04, com 74,66), e os indivíduos P02 e P03, pela menor pontuação média desses comportamentos (P02, com 28,33; P03, com 27,66).

Quando consideramos as pontuações médias dos comportamentos agressivos, conforme o gênero, observamos que tanto as meninas como os meninos obtiveram as maiores e menores pontuações médias, em que a participante P02, do sexo feminino, e o P03, do masculino, apresentaram as menores, e a P01, do sexo feminino, e o P04, do masculino as maiores. Ressaltando-se, no entanto, que as menores pontuações apresentaram-se próximas, ao passo que no caso das maiores, houve uma diferença importante, em que a pontuação apresentada pelo P04, do sexo masculino, foi 20 pontos superiores àquela alcançada pela P03, do sexo feminino. Pesquisas têm apontado para a diferença de gêneros na manifestação da agressividade, em que os meninos são percebidos, pelos professores (LISBOA, 2001) e pelos professores e colegas (LIS-

BOA, 2005), como mais agressivos, o que é confirmado na literatura, conforme Lisboa (2001), mediante explicações biológicas, sociais e culturais. Não obstante, devemos considerar as advertências de Koller e Bernardes (1997) sobre as inconsistências nos achados dessa natureza, as quais preocupam a Psicologia do Desenvolvimento e indicam a necessidade de mais estudos a respeito e que levem em consideração avaliações aguçadas e contextuais.

Na análise das tendências morais (heteronomia, semiautonomia e autonomia) identificamos nos indivíduos P01, P02 e P03 uma predominância da tendência moral da heteronomia e no P04 da autonomia. Observamos que a participante P01 apresentou maior porcentagem na tendência da heteronomia (66,67%), e de forma decrescente, menores porcentagens nas tendências da semiautonomia (20,51%) e da autonomia (12,82%). Os participantes 02 e 03 também alcançaram porcentagens maiores na tendência da heteronomia (P02, com 69,23%; P03, com 74,36%), no entanto, em relação às demais tendências, as porcentagens foram crescentes com menores valores na semiautonomia (P02, com 7,69%; P03, com 10,26%), e maiores na autonomia (P02, 23,08%; P03, com 15,38%). Já o indivíduo P04, apresentou a maior porcentagem na tendência da autonomia (57,58%), em seguida na moral da heteronomia (24,24%) e, depois, da semiautonomia (18,18%). Considerando a idade, percebemos que os indivíduos P01, P02 e P03 têm quatro anos a menos que o indivíduo P04, podendo este ser um aspecto importante, porém não o único, na diferença apresentada entre as tendências morais da heteronomia e da autonomia, uma vez que a maturação é somente um dos fatores de desenvolvimento indicados por Piaget (1975/1976), dentre outros (equilíbrio e interação com o meio físico e social). Na questão gênero, as participantes P01 e P02, do sexo feminino, com idades semelhantes à do participante P03, do sexo masculino, apresentaram resultados próximos em relação à tendência moral da heteronomia, logo podemos dizer que, neste estudo, o gênero não interferiu nos tipos de tendências morais apresentados.

Com relação aos estilos de resolução de conflitos interpessoais, na participante P01, identificamos que a maior porcentagem das respostas foi no estilo misto agressivo/submisso (35%), além de encontrarmos valores consideráveis nos estilos submisso (27,5%) e agressivo (25%). Assim, o estilo de resolução de conflitos predominante, nesse caso, foi o agressivo/submisso. Temos como exemplos de respostas apresentadas por ela, que se enquadram nesse estilo:

(Entrevistador): Você está na fila para a refeição. Vem um colega da sua idade e do seu tamanho e empurra você para fora da fila. O que você faria nesta situação. Por quê?(P01, 08 anos): *“Mando-a ir para trás.* (Entrevistador): E se ela não for? (P01) *Eu bato nela.* (Entrevistador): E se mesmo assim ela não for? (P01): *Eu falo para a professora.”*

Na análise dos resultados da participante P02, verificamos uma maior porcentagem no estilo submisso (30%), contudo, quando levamos em consideração os estilos mistos, observamos que os ligados ao estilo submisso, estilo submisso/assertivo (27,5%) e agressivo/submisso (17,5%), fortalecem ainda mais a presença do estilo submisso, como podemos visualizar na resposta apresentada, pela P02, em relação à mesma situação ilustrada acima:

(P02, 09 anos): *Deixava-a ir à minha frente, por que eu sou educada.*

Na análise dos resultados do indivíduo P03, constatamos uma maior porcentagem no estilo submisso (50%), além das respostas mistas relacionadas aos estilos agressivo/submisso (15%) e submisso/assertivo (7,5%). Porém, identificamos uma porcentagem considerável no estilo assertivo (25%). Esses dados indicam que nas respostas do indivíduo P03 há a predominância do estilo submisso, mas que também se destacam os assertivos. Segue um exemplo de resposta à situação já apresentada:

(P03, 09 anos): *Conto para a professora.* (Entrevistador): E se a professora não estiver? (P03): *Eu vou para o fim da fila.*

Em relação ao participante ao P04, verificamos que a maior porcentagem de respostas foi no estilo de resolução de conflitos agressivo (37,5%), evidenciando ainda mais esse estilo quando acrescentamos as respostas mistas agressivo/assertivo (7,5%). Exemplificamos com a seguinte resposta:

(P04, 13 anos): *Sapeco ele de porrada. [...]Vai furar a fila.*

Enfatizamos, ainda, que o participante P04, também, apresentou valores consideráveis nos estilos submisso (22,5%) e assertivo (27,5%).

Procuramos, com base nos dados apresentados, responder a nossa hipótese sobre a provável relação entre a manifestação de condutas agressivas, o desenvolvimento moral e os estilos de resolução de conflitos, em que a tendência moral da heteronomia teria implicações sobre a forma como os conflitos interpessoais são resolvidos – submissa e agressiva –, e no que tange à manifestação de comportamentos agressivos em ambientes socioeducativos. Assim como, a tendência da autonomia propiciaria formas de resolução mais assertivas. Podemos dizer, no que diz respeito à tendência da heteronomia, que essa hipótese foi verificada somente na participante P01, uma vez que ela apresentou maior porcentagem de respostas na tendência heterônoma (66,67%), nos estilos de resolução de conflitos agressivo (25%), submisso (27,5%) e agressivo-submisso (35%) e pontuação média alta na manifestação de condutas agressivas (54,33). Por outro lado, os indivíduos P02 e P03, que também alcançaram maiores porcentagens na tendência moral da heteronomia (69,23% e 74,36%, respectivamente), obtiveram valores baixos na manifestação de condutas agressivas (P02, com 28,33; P03, com 27,66), e porcentagens maiores no estilo submisso (P02, com 30%; P03, com 50%), em relação aos outros estilos, os valores foram variados. No que tange à tendência da autonomia, observamos que o participante P04, que apresentou a maior porcentagem nessa tendência (57,58%), foi o que obteve pontuação média superior, em relação aos demais indivíduos, na manifestação de condutas agressivas (74,66). Quanto aos esti-

los de resolução de conflitos houve a predominância do estilo agressivo (37,5%), mas também porcentagens importantes foram encontradas nos outros estilos: submisso (22,5%) e agressivo (27,5%). Esses resultados indicam que nossa hipótese inicial não foi confirmada, no entanto nos permitem levantar considerações importantes.

No caso do indivíduo P04, a tendência moral da autonomia, contrariamente a nossa hipótese, pode estar contribuindo para a manifestação de condutas agressivas. Se pensarmos em uma instituição que prioriza, nas relações sociais, a tendência moral da heteronomia – a coação do adulto/autoridade e o respeito unilateral – o comportamento agressivo pode ser uma das estratégias encontrada pelo indivíduo para se posicionar nas relações sociais. Nesse contexto, seria inevitável o surgimento do conflito com a autoridade, e muitas vezes, de forma agressiva. No entanto, não podemos afirmar que nas relações sociais em que se prevaleça a tendência moral da autonomia – cooperação e respeito mútuo - o indivíduo resolva seus conflitos de formas não agressiva. Pode ser que ele não tenha vivenciado outras formas de resolução de conflitos, que não a agressivo, sendo este o modelo transmitido por parte dos adultos com quem convive, como pais, professores e, até mesmo, pela sociedade. Nesse caso é preciso e importante a possibilidade se vivenciar outras formas de resolver os conflitos, e um ambiente com uma proposta cooperativa será um espaço de desenvolvimento e aprendizagem nesse sentido. O ambiente deve, necessariamente, propiciar trocas sociais entre pares, para se alcançar a autonomia moral, assim sendo, as relações democráticas possibilitarão que a crianças assumam pequenas responsabilidades e tomadas de decisões, discutindo seus pontos de vista, expressando livremente seus pensamentos e desejos, investigando e estabelecendo relações. Logo, não há respeito mútuo se a criança não experimentar relações de cooperação. Cooperação esta construída necessariamente a partir da convivência da criança com seus pares, e não por meio da relação de coerção onde as regras e os papéis do indivíduo já estão defini-

dos, bastando apenas executá-los (MENIN, 1996; 2007; VINHA, 2000; 2003; PIAGET, 1932/1977).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em decorrência do ingresso em novos grupos sociais e das conseqüentes exigências e desafios impostos pela vivência extrafamiliar, as novas experiências da criança são de grande relevância, principalmente, as vivenciadas na escola, contudo nem sempre as ações para lidar com a criança partem na direção da construção da autonomia (MENIN, 2007), sendo assim, no processo de formação da criança é preciso que haja intervenções consequentes (FORTUNA, 1996), ou seja, é necessário produzir ações que sejam responsáveis, conscientes, construídas por meio de estudos sistemáticos, e que não sejam cegas, firmadas apenas no senso comum e na intuição.

O presente estudo caminhou nessa direção ao propor um olhar mais acurado sobre diferentes dimensões do desenvolvimento humano e a respeito das articulações entre elas, uma vez que se procurou entender as prováveis relações entre agressividade, desenvolvimento moral e estilos de resolução de conflitos. Os resultados encontrados não nos permitiram afirmar que haja associações, em um único sentido, entre esses fenômenos. No entanto, confrontamo-nos com dados intrigantes, até mesmo, contrários à nossa hipótese inicial, os quais não podem ser generalizáveis devido às limitações desta pesquisa, como, por exemplo, o restrito número de casos analisados, Considerando a importância e implicações desse tipo de estudo, visamos sua continuidade com a superação de seus limites.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, U. F. Moralidade e indisciplina: Uma leitura possível a partir do referencial piagetiano. In: Aquino, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p. 94-116.

DELVAL, J. **Manifesto por uma escola cidadã**, São Paulo: Papyrus, 2006.

DELUTY, R. H. (1979). The children.s action tendency scale: A self report measure of aggressiveness, assertiveness and submissiveness in children. **Journal of Consulting Psychology**, 47, 1061-1071.

FAGUNDES, A. J. F. M. **Descrição, definição e registro de comportamento**. São Paulo: Edicon, 1999.

FORTUNA, T. R. **Desenvolvimento infantil**: como manejar comportamentos infantis que provocam queixas? *Revista do Professor*, Porto Alegre, v. 12, n.46, p.41-45, abr./jun. 1996.

KOLLER, S. H.; BERNARDES, N. M. G. Desenvolvimento moral pró-social: semelhanças e diferenças entre os modelos teóricos de Eisenberg e Kohlberg. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 2, n. 2, p. 223-262, dez. 1997.

LA TAILLE, Y. **Moral e ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LEME, M.I.S. **Resolução de Conflitos Interpessoais**: Interações entre Cognição e Afetividade na Cultura. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 17, n. 3, p.367-380, 2004.

LISBOA, C. S. M. **Comportamento agressivo, vitimização, e relações de amizade de crianças em idade escolar**: fatores de risco e proteção. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia) – Curso de Pós-Graduação de Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005.

LISBOA, C. S. M.; KOLLER, S. H. Construção e validação de conteúdo de uma escala de percepção, por professores, dos comportamentos agressivos de crianças na escola. **Psicologia em Estudo**, v. 6, n. 1, p. 59-69, jan.-jun. 2001.

MALDONADO, D. P. A.; WILLIAMS, L. C. A.O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica. **Psicologia em Estudo**, v.10, n.3, p. 353-362, 2005.

MENIN, M.S.S. Escola e educação moral. In: MONTROYA, A.O.D. (Org.). **Contribuições da psicologia para a educação**. Campinas: Mercado da Letras, 2007. p. 45-62.

MENIN, M.S.S. Desenvolvimento moral: refletindo com pais e educadores. In: MACEDO, L. (Org.). **Cinco estudos de educação moral**. São Paulo, SP, Casa do Psicólogo, 1996. p. 37-104.

PASSOS, B. C. **Problemas de comportamento infantil: relações com vínculo e afeto na primeira infância**, 2000. Disponível: URL: http://www.cientefico.frb.br/2006_2/PSI/PSI.PASSOS.F1__Rev._Vanessa_12.12.06_.pdf, Acesso em: 22 ago. 2010.

PEDRO-SILVA, N. **Entre o público e o privado**: ensaio sobre o valor da lealdade à palavra empenhada na contemporaneidade. São Paulo: Unesp, 2006.

PIAGET, J. **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1977. (Original publicado em 1932).

PIAGET, J. *A equilibração das estruturas cognitivas*: problema central do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. (Original publicado em 1975).

VICENTIN, V. F. **Condições de vida e estilos de resolução de conflito entre adolescentes**, 2009, 223-p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

VINHA, T. P. **Os Conflitos Interpessoais na Relação Educativa**. Tese (Doutorado)- Faculdade de Educação, Unicamp. Campinas, SP, 2003.

VINHA, T. P. **O educador e a moralidade infantil**: uma visão construtivista. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2000.